XXXI CONFAEB
O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

MULTICULTURALISMO, IDENTIDADE E ALTERIDADE: TORNANDO O INVISÍVEL VISÍVEL ATRAVÉS DAS ARTES VISUAIS

Silvana Saturnino Teles
silvana.teles@ufms.br
Universidade Federal de Mato Grosso do SUL (UFMS)
Bolsista da FUNDECT

Simone Rocha de Abreu
simone.rocha.abreu@ufms.br
Universidade Federal de Mato Grosso do SUL (UFMS)

Resumo

O foco do presente artigo será as discussões acerca do multiculturalismo, identidade e alteridade, destacando alguns autores que tratam sobre o tema, buscando trazer contribuições dentro do ensino de Artes Visuais para o fortalecimento de identidades marginalizadas/invisibilizadas pelo processo de colonização europeia, debatendo questões que causam tensão entre educadores e educandos, mostrando como vêm sendo tratado esse assunto por estes autores na atualidade, para tais reflexões utilizaremos dos autores: Ana Mae Barbosa (2008), Djamila Ribeiro (2017), Eliane Cavalleiro (2020), bell hooks (2013), Aníbal Quijano (2005). Nosso objetivo é discutir, questionar, criar argumentos, dar visibilidade às culturas historicamente marginalizadas. Traremos duas obras de Heitor dos Prazeres em que mostramos a identidade cultural vista através da leitura visual destas obras, colocando-as no centro do debate em torno das diferenças e ao mesmo tempo reforçando identidades, igualmente plurais, dentro de um ambiente escolar tão diversificado.

Palavras-chave:
Multiculturalismo; Identidade; Alteridade; Ensino de arte.

Abstract

The focus of this article will be the discussions about multiculturalism, identity and alterity, highlighting some authors who deal with the subject, seeking to bring contributions within the teaching of Visual Arts for the strengthening of marginalized/invisible identities by the process. of European colonization, debating issues that cause tension between educators and students, showing how this subject has been treated by these authors today, for such reflections we will use the authors: Ana Mae Barbosa (2008), Djamila Ribeiro (2017), Eliane Cavalleiro (2020), bell hooks (2013), Aníbal Quijano (2005). Our objective is to discuss, give visibility to historically marginalized cultures. We will bring two works by Heitor dos Prazeres in which we show the cultural identity seen through the visual reading of these works, placing them at the center of the

debate around differences and at the same time reinforcing identities, equally plural, within such a diverse school environment.

Keywords:
Multiculturalism; Identity; Alterity; teaching.

Introdução

A todo o momento, em sala de aula deflagra-se conflitos entre os alunos, muitos deles têm seu começo nas diferenças entre os alunos, na maioria das vezes uma criança não quer brincar com a outra devido à sua cor de pele, sua aparência, seu jeito de conversar, entre outras diferenças. É urgente começarmos a tratar estes assuntos em ambiente escolar instigando o debate e discussão de temas que exclui sujeitos no ambiente escolar, causando dor física e psicológica em muitas crianças e adolescentes. Sendo assim o multiculturalismo crítico, que evidencie os mecanismo da exclusão e os combata faz-se urgente.

Citaremos também alguns documentos que tratam do multiculturalismo em sala de aula: no título II da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), seu artigo 3° trata sobre os princípios em que o ensino será ministrado e em seu inciso XII, incluído pela Lei 12.796 de 2013, traz considerações sobre a diversidade étnico-racial. A Lei 10.639/03 trata da obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura africana, afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio; devemos lembrar que esta lei foi convertida em 11.645/08 para inclusão da obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas indígenas.

Nosso objetivo é discutir, questionar, criar argumentos para que os estudantes encontrem o seu devido espaço rompendo preconceitos raciais, valorizando as culturas historicamente marginalizadas pelos processos de colonialidade, colocando-as no centro do debate em torno das diferenças e ao mesmo tempo reforçando as identidades igualmente plurais no ambiente escolar que insiste em atribui-se caráter monocultural. Algumas questões serão propostas: Quem são estes discentes em relação a esta multiculturalidade?

Como o ensino de arte pode contribuir para o debate em torno dessas discussões? Como nós, arte/educadores, podemos contribuir para a formação de sujeitos conscientes de sua identidade cultural?

Colonialidade e Multiculturalismo em sala de aula

Introduziremos o texto contextualizando nosso passado colonial, que segundo Quijano (2005), estão nas bases hegemônicas dos processos modernos de colonialidade que inferiorizam os povos que não pertencem ao padrão branco europeu. Quando falamos de multiculturalidade estamos querendo evidenciar e trabalhar as diversas culturas presentes no ambiente escolar.

Para entender melhor o conceito de multiculturalismo, buscamos pelo termo e encontramos alguns autores que o debatem, como a professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa (2008) que explicita de forma plausível o tema no livro intitulado "Tópicos Utópicos" discorrendo de forma eloquente sobre o tema:

> Multiculturalismo é o denominador comum dos movimentos atuais em direção á democratização da educação em todo mundo. O equilíbrio entre configuração de uma identidade cultural e flexibilidade para a diversidade cultural é um objetivo e uma utopia, que colocará a educação em movimento constante, porque nem os elementos do meio ambiente cultural são fixos (BARBOSA, 2008, p. 79).

Outra autora a tratar o assunto multiculturalismo é bell hooks[1] em seu livro "Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade" (2013), no qual dedica dois capítulos ao tema, fazendo com que olhemos com mais cuidado para as diferenças dentro do contexto escolar. Diz a autora, que o capitalismo implica que exista uma massa de mão de obra barata para que se

[1] Neste trabalho adota-se bell hooks com a grafia em letra minúscula em respeito a posição da autora: hooks acredita que esta maneira favorece que sua teoria tenha maior destaque que seu nome. bell hooks é pseudônimo de Glória Gean Atkins (1952 – 2021), teórica da educação bastante influenciada pela pedagogia freireana, cujos trabalhos versam principalmente nas interseccionalidades entre raça, gênero e capitalismo.

perpetue o sistema de exploração, que uma das principais razões de não sofrermos uma revolução de valores é a cultura da dominação que promove os vícios da mentira e da negação.

Olhando para o contexto escolar dos EUA, a autora afirma que os professores estão despreparados para trabalhar a diversidade em sala de aula se agarrando aos velhos padrões, o que não difere muito do contexto brasileiro. A autora denomina de “códigos culturais” os diferentes padrões do multiculturalismo, diz que o educador tem que entendê-los para ensinar eficazmente os discentes, continua as suas reflexões afirmando que os professores e alunos para a construção de um contexto de efetiva multiculturalidade precisam estudar e aprender a aceitar as novas epistemologias.

Trazendo o pensamento de hooks (2013) para o ambiente escolar brasileiro, veremos que há algumas semelhanças: a imposição de uma única cultura (a hegemônica) na escola afeta professores e alunos, coibindo muitos sujeitos enquanto privilegia outros. Talvez seja por isso, que cada vez mais, vemos os sistemas de saúde cheios de professores doentes, depressivos, apáticos, sem perspectivas de mudanças futuras, resistindo a tudo que seja novo dentro da escola, mas esta discussão referente aos docentes não será foco deste artigo, pois nosso olhar está voltado para o estudante neste momento.

Concordamos com hooks quando afirma que:

> O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidades e preconceito (HOOKS, 2013, p.63).

A autora cita vários fatores que nos separam da educação crítica, tais como: política da dominação, exploração de classes, mentalidade colonizadora, patriarcado capitalista, supremacia branca, para que tornemos real na prática o que já sabemos na consciência. Afirma que precisamos olhar para a educação

como prática de libertação, criar políticas de raça e classe social, que precisamos conhecer as realidades que buscamos transformar, aprender a ensinar e fazê-lo aprendendo, abrindo-se às mudanças necessárias, para podermos formar cidadãos conscientes de seus atos e transformadores de sua própria realidade.

Outra autora relevante para esta discussão é Djamila Ribeiro (2017), que olha para a diversidade do ponto de vista de mulher negra, apontando o caminho da união entre estes grupos marginalizados/invisibilizados para que saiam do lugar de submissão e dominação que foi imposto através do processo de colonização. Queremos abordar aqui principalmente o lugar de fala, pois segundo a autora existem muitas dúvidas em relação ao conceito que associa o discurso ao poder e ao controle. A autora acredita que o termo “lugar de fala” tenha surgido a partir de discussões sobre o ponto de vista feminista, da diversidade, da teoria racial crítica e do pensamento decolonial. Ribeiro (2017) segue explicando que diversos grupos sociais de acordo com seu lugar de poder, restringem oportunidades e igualdades de acesso aos grupos menos favorecidos, questionando a legitimidade que é conferida a quem pertence ao grupo localizado no poder, que a desvantagem é pertencer a certos grupos marginalizados, dizendo que o lugar que cada sujeito ocupa em sociedade o faz ter experiências distintas e outras perspectivas:

> Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *lócus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo (RIBEIRO, 2017, p. 37).

Segundo Ribeiro (2017), todos têm um lugar de fala, pois é fundamental pensarmos hierarquias, desigualdades, pobreza, racismo e sexismo, não impondo uma visão, mas sim considerar diversas vozes, lugares diversos de fala, respeitando grupos que foram calados por séculos.

Identidade/alteridade e diferença

A globalização busca homogeneizar os desejos, os hábitos, as vestimentas dos sujeitos, nestes processos muitas pessoas perdem parte ou o todo da pertença cultural, tornando-se sujeitos que fazem aquilo que todo mundo faz, porque é isso que o mundo contemporâneo exige que estejamos nessa imensa rede, consumindo os mesmos produtos, em um mercado homogeneizado. Então olhamos para as propagandas e queremos ter aquele cabelo loiro e liso, aquele corpo esquelético, ter as roupas de marca, aquela cor de pele, falar àquela língua que todos falam. Essas influências afetam nossas crianças que desde cedo aprendem a olhar para os estereótipos e desejar ser aquele sujeito, ignorando muitas vezes sua própria cultura para ser aceito pelos demais do grupo.

Segundo o dicionário Michaelis (2002), a palavra identidade é feminina, qualidade do que é idêntico, é um conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la. Já de acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2012), a identidade é aquilo que o sujeito é, por exemplo: sou brasileiro. Este autor continua seu raciocínio afirmando que a diferença, vista desse ângulo, é algo que o outro é, por exemplo: ela é Venezuelana. Seguindo seu ponto de vista a identidade e a diferença, estão em uma relação de estreita dependência. Segundo o autor para afirmarmos que somos brasileiros, estamos negando uma série de nacionalidades outras a qual não pertencemos.

Seguindo esta linha de raciocínio o autor afirma que identidade e diferença são criaturas da linguagem:

> Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são criação de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas

> do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais (SILVA, 2012, p. 76).

Segundo o autor a teoria cultural e social pós-estruturalista tem caminhado pelos territórios da identidade para tentar descrever tanto os processos que tentam fixá-las, quanto àqueles que tentam impedir esta classificação. Analisando assim as identidades: nacionais, de gênero, sexualidade, raciais e étnicas. Que embora em funcionamento, nessas diversas dimensões da identidade social e cultural, obedecem à dinâmicas diferentes, citando como exemplo, o uso da biologia na dinâmica de gênero para justificar a dominação masculina e os essencialismos culturais, nas tentativas de estabelecimento das identidades nacionais.

Compartilhamos do entendimento de Silva (2012) quando argumenta que quem detém o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade, por isso que a representação ocupa um lugar de destaque na teorização das identidades contemporâneas. Em função disso é primordial que nossos estudantes tenham a oportunidade de conhecer e desenvolver à capacidade crítica para olhar para o sistema dominante, questionando estas representações de identidade e da diferença impostas pela colonização europeia. Esse é nosso foco com a proposta que apresentaremos a seguir.

Proposta de intervenção pedagógica a partir da obra de *Heitor dos Prazeres*

Vimos até agora como a identidade é de suma importância dentro do ambiente escolar e o quanto precisamos avançar para tornar a questão referente à diversidade multicultural central nos debates escolares, entendendo o discente como protagonista deste diálogo. O ensino de Arte pode trazer estas reflexões ao debate, nas palavras de Barbosa (2014) “não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras”, havendo também durante o processo, uma alfabetização cultural e visual no qual as letras têm pouco significado.

Segundo a mesma autora outras leituras dão significados e sentido ao mundo da criança em processo de alfabetização tais como: leitura cultural, visual, social e estética do meio ambiente, facilitando também o desenvolvimento psicomotor sem abafar o processo criador. Isso posto, queremos trazer uma proposta de ensino em Artes Visuais para as crianças em processo de alfabetização, que desenvolva a leitura visual com foco na equidade étnica, colaborando para reverter os processos de exclusão histórica que marginaliza certos grupos, fortalecendo relações multiétnicas, interações colaborativas e exercícios de empatia.

Utilizaremos das competências descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tais como: senso ético, comunicação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, para que no final do processo cada grupo social dentro desta comunidade escolar, valorize o outro e a si mesmo, dentro de sua origem cultural. A presente proposta trabalhará com a abordagem triangular defendida por Barbosa (2014) e diferentes estratégias, como: rodas de conversa, música e obras do artista plástico e compositor Heitor dos Prazeres.

A introdução da proposta se dará através de pesquisa autoetnográfica com os estudantes, utilizando questionamentos acerca das vivências pessoais de cada um, que contará oralmente em roda de conversa sobre seus relacionamentos dentro da escola. Algumas questões propostas: Alguma vez você já foi agredido verbal ou fisicamente por um colega dentro da escola? Já foi apelidado por algum colega por causa de sua cor de pele ou outra característica física? Você já ficou triste por causa de alguma característica física como textura dos cabelos, jeito de falar, de comer de andar? Depois dessa roda de conversa, será proposta a leitura das obras de Heitor dos Prazeres: Frevo-1966, (Fig.1) - Favela- 1965, (fig.2). “Através da leitura de obras de artes plásticas estaremos preparando o público para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa” (BARBOSA, 2014), pois acreditamos que para que aja uma aprendizagem crítica, com olhar para a diversidade, o fazer

artístico precisa aliar a análise da obra e a contextualização, com o intuito de que seu aprendizado tenha sentido e este sujeito sinta-se inserido no contexto estudado de acordo com seus interesses, suas necessidades e seu desenvolvimento, respeitando ao mesmo tempo a matéria que será aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição para a cultura.

Durante a leitura da obra de arte, a professora fará a contextualização histórica, e apresentará a gramática visual, para que a criança domine os elementos formais como ponto, linha, forma, espaço positivo e negativo, divisão de área, cor, signo, entre outros. Levando o estudante a uma leitura dos padrões estéticos, aliados aos contextos históricos, e por último o fazer artístico. Sugestão de mediação para a análise visual através de questões como: que pessoas são retratadas nas obras? Nesta época as pessoas negras tinham voz? Onde ficavam as moradias? As moradias eram nos centros ou periferias das cidades? Estas pessoas tinham dinheiro para morar em um lugar nos centros das cidades? Como será que se sentiam com isso? E hoje é diferente dessa época?

Por fim será feita a releitura, onde cada aluno utilizará o material que tiver à disposição (papel, lápis ou giz de cera, colagem com recortes de revistas, entre outros), para retratar um ponto de vista seu sobre a moradia na cidade onde mora. A música Rap da Felicidade (compositores: Julio Cesar Seia Ferreira / Katia Sileia Ribeiro De Oliveira), que critica a violência nas favelas também pode ser usada para enriquecer a aula.

As obras escolhidas tratam da cultura popular que nos identificam como sujeitos, na contextualização também podem ser levantados a vida do autor e o que acontecia no ano de criação das obras, falar das danças regionais focando na população negra, que muito contribui para nossa identidade nacional, algo muito importante a se focar é que muitas influências africanas ficaram de herança do período de escravidão, e sem suas danças e sua religião parte da sua identidade ficava perdida. Após realizar as atividades será feita a avaliação de todos os processos de execução.

Considerações Finais

O que queremos com esta proposta é mostrar a cada estudante de grupos multiculturais diversos que eles têm sim um lugar de fala, de debate consciente, de valorização de suas culturas, independentemente da classe social em que estejam inseridos, que estes sujeitos sintam-se valorizados e acolhidos, pois esta é nossa função primordial enquanto professores, estar atentos a todas estas diferenças para que ninguém seja excluído do seu direito a educação básica de boa qualidade.

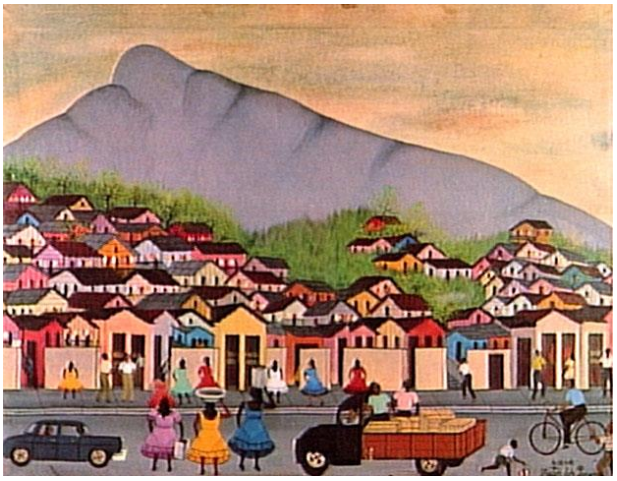
O poder de transformação social que a educação através da arte pode acarretar, se nós acreditarmos piamente que temos este poder transformador, de resgatar, através de novos olhares para este sujeito, que está inserido num planeta globalizado, que tenta nos transformar em pessoas condicionadas, que não se veem como singular, com sua própria identidade religiosa, de gênero, raciais, étnicas. Precisamos olhar com outros olhos para a diversidade, pois ser diferente é algo cheio de possibilidades e descobertas, que se bem trabalhado resgatará muitas histórias e culturas que antes eram invisíveis.

Figura 1: Heitor dos Prazeres (Brasil,1898-1966) Frevo, 1966, Óleo sobre tela, c.i.d. 55,00 cm x 46,00cm.



Fonte: Enciclopédia Itaú cultural

Figura 2-Heitor dos Prazeres (Brasil,1898-1966) Favela, 1965, Óleo sobre tela, c.i.d. 96,00 cm x 130,00 cm



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultura

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C Arte, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte. Brasília, 2001.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Diário Oficial da União. Disponívelem:https://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348> Acesso em: 08 out. 2021.

BRASIL**.** Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Presidência da Casa Civil.Disponívelem:<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4> Acesso em: 08 out. 2021.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo negro, 2011.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: contexto, 2020.

COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

FAVELA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra4656/favela. Acesso em: 17 de junho de 2022. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7.

FERREIRA, Jayse Antonio da Silva. Eu sou uma obra de arte: etnias do mundo. Nova Escola. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/12865/como-a-aula-de-arte-aumentou-a-autoestima-e-diminuiu-preconceitos. Acessado em: 07 de agosto de 2022.

FREVO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra9257/frevo. Acesso em: 17 de junho de 2022. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7.

HOOK, Bell, Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JACOBINI, Maria Letícia de Paiva. Metodologia do trabalho acadêmico. Campinas, SP: Alínea, 2006.

MICHAELIS, Dicionário on-line. Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/, acesso em 01/08/2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Set. 2005. pp.227-278, disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso ,acesso em 18/06/22.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte. Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINI-CURRÍCULO

Silvana Saturnino Teles (SP – 1977) Mestranda no ProfArtes UFMS, especialista em Educação em Direitos Humanos, pela mesma universidade e graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, Licenciatura Plena, pela UNIJALES/JALES/SP. Bolsista FUNDECT.

Simone Rocha de Abreu (SP – 1971) Pós-doutora em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP, Mestre e Doutora pelo PROLAM da USP, professora adjunta dos Cursos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), docente do Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES/FAALC/UFMS) e coordenadora do Projeto de Pesquisa “Arte da América Latina: habitando a decolonialidade em arte” (PROPP /UFMS).